

Disputas de Memórias: memória e identidade do MR8 (1975-1985)

ELADIR FÁTIMA NASCIMENTO DOS SANTOS*

“Se é verdade que o real é relacional, pode acontecer que eu nada saiba de uma instituição acerca da qual eu julgo saber tudo, porque ela nada é fora das suas relações com o todo”. (Pierre Bourdieu, Introdução a uma sociologia reflexiva In: O Poder Simbólico)

Introdução

A constatação contida no trecho acima serve também para representar a constatação a qual chegamos quando elegemos e passamos a considerar como objeto de pesquisa científica o Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR8) e suas atuações nos movimentos sociais. O MR8 não se trata de uma instituição e sim de uma organização política, no entanto, consideramos que aqui cabe esse paralelo. Julgávamos muito conhecer sobre o MR8. Afinal tínhamos atuado em suas fileiras e defendido suas propostas, nas nossas ações políticas, por cerca de dez anos. Porém, logo nos momentos iniciais do processo de construção do *corpus* de pesquisa e da escolha dos enfoques analíticos que deveriam ser privilegiados, percebemos a necessidade de redirecionar o olhar para muitos aspectos, até ali nunca observados, a fim de tornar verdadeiramente possível a construção de novos conhecimentos relativos ao MR8.

Conhecíamos o MR8 somente por um ponto de vista, mas agora, era necessário conhecer outros pontos de vista, outras relações daquele objeto com o todo que comprovassem ou negassem as nossas concepções iniciais. Concepções que, a partir daquele momento, passavam a ser hipóteses. Era necessário, portanto, conhecer as relações do MR8 dentro do campo político.

A questão que se colocava era como buscar formas de compreender essas relações do MR8 e, a partir dessas relações, construir novos conhecimentos. Para isso, tínhamos que atentar e refletir sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro UNIRIO – Linha de Pesquisa Memória e Espaço

Antes de expor as reflexões sobre as questões metodológicas, faz-se necessário que apresentemos os nossos conhecimentos prévios sobre a organização partidária MR8.

Os primeiros contatos que tivemos com a organização política Movimento Revolucionário Oito de Outubro datam de 1977 e se deram a partir do Movimento Estudantil. Estava na ordem do dia a reabertura das entidades estudantis que haviam sido fechadas pelos organismos da ditadura militar com base no decreto 477 de 1968 que impedia a organização dos estudantes.

No movimento estudantil daquela época, o MR8 apresentava-se com a proposta de organização da esquerda revolucionária em torno de uma alternativa proletária. Para isso orientava o movimento estudantil no sentido de que ele se constituísse como força auxiliar do movimento operário, vinculada a um centro tático proposto, somando-se às demais lutas populares contra a ditadura militar e acumulando forças para a construção de uma sociedade socialista.

O movimento estudantil vivia, naquele momento, uma expressiva reanimação. Mobilizações eram feitas e muitas outras organizações revolucionárias, além do MR8, disputavam espaço procurando cada qual mostrar ao conjunto dos estudantes o acerto de suas propostas e posições. Aprofundava-se o debate político e, além das atividades práticas de dar direção para as lutas estudantis, as organizações, através de suas direções, procuravam preparar e instruir suas bases em grupos de estudos sobre teoria social e sobre seus programas partidários.

A organização revolucionária MR8 realizara, naquele ano de 1977, o seu 1º Congresso e reafirmava, nas resoluções do mesmo, que tinha o comunismo e a luta por um Brasil socialista como metas. Constatava a existência de um bloco revolucionário na nossa sociedade e apresentava como tática, a formação de uma Frente que neutralizasse, dividisse e atraísse os setores vacilantes. No entanto, era enfática nas críticas aos setores moderados e seus apelos à União Nacional. Sua estratégia era a organização de um Governo Revolucionário dos Trabalhadores (GRT) que estaria empenhado na construção da sociedade socialista.

Após lograr êxito com a reabertura das entidades estudantis no decorrer de 1977 e 1978, o Movimento Revolucionário 8 de Outubro tornou-se a organização de esquerda que

possuía uma militância das mais combativas no sentido de tornar o movimento estudantil pujante e massivo. Além da luta pela melhoria das condições técnicas de ensino e contra os currículos distanciados dos interesses das classes populares, travava a luta pelas questões ideológicas e políticas, combatendo os radicalismos de direita e de esquerda e denunciando todo o autoritarismo do regime imposto.

Os militantes do movimento estudantil pertencentes ao MR8, ao iniciarem suas atividades profissionais passavam a atuar em outros espaços dos movimentos sociais que se reanimavam. Tornava-se cada vez maior o número de militantes do MR8 no movimento sindical, movimento de moradores e movimento de mulheres.

Em outubro de 1979, em meio a uma aguerrida luta interna, o MR8 realizou o seu 2º Congresso. Nele, a organização política, que ainda vivia na clandestinidade, procurou sistematizar sua nova proposta política que se caracterizava pela luta pelas liberdades democráticas. Após a realização de uma nova análise de conjuntura e constatar a existência de novas e intensas disputas no bloco de poder que se agrupava em torno do governo ditatorial, o MR8 apresentou a proposta de ampliação da Frente que poria fim à ditadura e acumularia forças para a construção da sociedade socialista. A palavra de ordem apresentada era a de construção de uma Frente Popular e Democrática formada pelos setores populares e setores da burguesia que apresentavam contradições com o grupo de poder ligado aos interesses do imperialismo.

Em 1982 ocorreu o 3º Congresso do MR8, culminância de outra intensa luta interna entre a direção partidária e os militantes que não aceitavam a proposta de ampliação da Frente. O MR8 apresentava a proposta de construção de uma verdadeira Frente Ampla. Uma Frente da qual deveriam participar ao lado dos setores populares, os setores da burguesia nacional. Os setores que, ao longo de todos os governos ditatoriais, compuseram a base de apoio político dos mesmos, mas que, naquela época do final dos anos 1970, já apresentavam contradições com a política econômica desses mesmos governos que não mais contemplava os seus interesses.

Em 1985, já vivíamos a redemocratização do país e considerávamos conhecer os equívocos e os acertos políticos apresentados na estratégia e nas táticas formuladas pelo MR8 mas, naquela época, também ainda não tínhamos a mais remota intenção de transformar a organização em objeto de estudo e pesquisa científica.

Uma nova relação com o MR8 - posturas metodológicas

Nos momentos iniciais em que pretendemos uma nova relação com o Movimento Revolucionário Oito de Outubro, vendo-o como objeto de pesquisa, fez-se necessária uma série de reflexões. Tivéramos, até ali, uma relação um tanto sectária com o partido e, por isso, as nossas pré-concepções, embora não pudessem ser de todo desprezadas, deveriam ser muito ampliadas para êxito do empreendimento científico.

Atentando para as preocupações de Antonio Gramsci (1891-1937) ao modo de se escrever a história de um partido, demos nossos primeiros passos nas reflexões e nas ações relativas à metodologia da pesquisa.

Embora a pretensão não fosse escrever a história do MR8 e sim buscar memórias construídas sobre suas atuações nos movimentos sociais, as observações de Gramsci foram bastante importantes. O teórico italiano chegou à conclusão de que

do modo de escrever a história de um partido resulta o conceito que se tem daquilo que é e deva ser um partido. O sectário exaltar os pequenos fatos internos, que terão para ele um significado esotérico, impregnando-o de um entusiasmo místico; o historiador, mesmo dando a cada coisa a importância que tem no quadro geral, acentuará, sobretudo, a eficiência real do partido, a sua força determinante, positiva e negativa, a sua contribuição para criar um acontecimento e também para impedir que outros acontecimentos se verifiquem. (GRAMSCI. 1968:25)

Esta era a primeira pista da nova relação que deveríamos estabelecer com o objeto de estudo. Uma pista de como deveria ser exercido o ofício de pesquisador, enfim, de qual deveria ser a postura metodológica. E é ainda em Gramsci que encontramos outras orientações, quando este expõe sobre a necessidade de se estar atento à “realidade objetiva do mundo”¹ e coloca-se também em objeção ao que chama de “empirismo”, ou seja, a investigação de uma série de fatos isolados, buscando encontrar relações entre eles como prova da verdade sobre determinado assunto. O

¹ Ver notas reunidas sob o título de “Questões Gerais” publicadas em *Concepção Dialética de História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978a. Gramsci tece críticas ao livro *Teoria da filosofia da práxis* de Henri de Man. Nessa crítica discorre sobre o Materialismo Histórico e a Sociologia, apontando os equívocos do autor, principalmente quando este apresenta como subtítulo do livro *Ensaio Popular*. Ao lado dos equívocos apontados, Gramsci apresenta como entende ser o conteúdo de um tratado sistemático da filosofia de *práxis*, quais as suas partes constitutivas, como nasce o movimento histórico sobre a base da estrutura social, qual o papel dos intelectuais na organização da cultura e também de como deve agir o cientista diante da realidade objetiva. (GRAMSCI.1978a : 149-200).

teórico italiano questiona-se de como ocorrerá a escolha dos fatos que devem ser aduzidos se, de antemão, não tivermos um critério de escolha. Critério este que ele resume na intuição e na concepção de que os fatos fazem parte de processos - processo de relacionamento, processo de desenvolvimento etc. (GRAMSCI, 1978a :186). Fatos ou memórias que por vezes podem nos parecerem contraditórios entre si, não devem ser excluídos, descartados ou não analisados, a partir de conclusões mecânicas de que os mesmos não correspondem a uma realidade objetiva do mundo. Fatos que se contradizem, memórias que se contradizem, fatos que contradizem memórias e fatos que contradizem memórias, todos devem ser analisados como partes de um processo de relacionamentos ocorridos no passado ou presentes ainda hoje. Ademais, há de se atentar para o que o mesmo Gramsci nos chama atenção:

Não resulta fácil justificar um ponto de vista de objetividade exterior entendida tão mecanicamente. Pode existir uma objetividade extra-histórica e extra-humana? Mas quem julgará a objetividade? Quem poderá colocar-se nesta espécie de “ponto de vista do cosmo em-si” e que significaria tal ponto de vista?. (GRAMSCI, 1978a:169)

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002) trata também do “pensar relacionalmente” no tocante, não só aos fatos que se apresentam sobre o objeto pesquisado como com relação à metodologia e a teoria empregadas pelo pesquisador no trabalho científico. O teórico procura mostrar, que a separação da metodologia da teoria em instâncias separadas deve ser recusada completamente. A origem dessa divisão, afirma o sociólogo, está na oposição epistemológica e constitutiva da divisão social do trabalho científico num dado momento – oposição entre professores e investigadores de gabinetes estudo. “Teoria, método e objeto não estão isolados de um conjunto de relações e é dessas relações que se deve retirar o essencial das propriedades do objeto, isso porque o real é relacional”. (BOURDIEU, 2007: 23).

Bourdieu quando nos propõe uma sociologia reflexiva², nos apresenta também outras preocupações metodológicas. Preocupações quanto à determinação do objeto e outras

² Ver texto de introdução ao Seminário da École des Hautes Études em Sciences Sociales, em outubro de 1987, publicado em Pierre Bourdieu *O Poder Simbólico*.2007: 17-58. Em seu texto, Bourdieu nos mostra Leibniz, filósofo do início do século XVIII, que de forma bastante simples, rejeitou a postura científica cartesiana na procura do bem e no evitar o mal: procurar as verdadeiras evidências, dividir o assunto em partes, seguir uma ordem e fazer enumerações. Refutando o pensamento cartesiano, Leibniz atentou para o principal: a ausência de critério para determinar o que é bem e o que mal. Leibniz apresentou métodos e preocupações que anteciparam a lógica analítica e a linguagem dos

preocupações relativas à prática científica. O que é comum em todas essas preocupações é o alerta que faz aos pesquisadores para que sempre rejeitem o pré-construído – o senso comum. Construir um objeto científico, para Bourdieu, é, antes de tudo, e, sobretudo, romper com o senso comum, isto é, com as representações partilhadas por todos, lugares comuns, representações oficiais que estão presentes nas instituições, nas organizações e nos cérebros das pessoas. Afirma que o sociólogo está cercado do pré-construído que está por toda a parte. Por isso, para ele, o sociólogo estar alerta é importante, porém, não é suficiente. Há de se atentar para a história social dos objetos (2007: 34).

Da mesma forma que Gramsci, Bourdieu afirma que os problemas dos objetos foram socialmente produzidos num trabalho coletivo de construção da realidade social. O teórico afirma que os conceitos, as palavras e os métodos da profissão provocam dúvidas no sociólogo porque ele é, com efeito, um enorme depósito de “pré-construções que foram naturalizadas, ignoradas como tal e que funcionam como instrumentos inconscientes de construção” (2007: 39).

Disputas de Memórias: memória e identidade do MR8

Como nosso objetivo é buscar memórias, entendemos que é necessário atentarmos para alguns processos, entre eles o próprio processo de construção de memórias sobre o MR8.

Memórias construídas por seus antigos militantes, militantes que sempre se mantiveram nas fileiras do partido, militantes que travaram lutas internas e tornaram-se dissidentes ou mantiveram-se na organização, militantes de outras organizações. Atentar para o processo de enquadramento de memórias pela direção da organização.

Diante disso, construímos nosso *corpus* de pesquisa com o conteúdo de entrevistas com antigos militantes obtidas e analisadas com a metodologia da História. Dessa forma, temos podido realizar análises que têm possibilitado o entendimento da construção de

séculos XX e XXI. Um dos princípios da filosofia de Leibniz é o da “reflexão”, no qual constata que qualquer animal pode agir de forma contingente e espontânea. O que diferencia o animal humano dos demais é a capacidade de “reflexão” que quando operada, caracteriza uma ação como livre. Os homens têm a capacidade de pensar a ação e saber por que agem. Iniciar com Leibniz um texto sobre sociologia reflexiva reforça a preocupação de Bourdieu com ofício de pesquisador e com o fazer uma sociologia reflexiva.

memórias. Memórias que surgem em narrativas não se constituem em verdades definitivas ou absolutas, mas falam ou silenciam revelando experiências vividas e identidades individuais ou coletivas construídas em relações dialógicas e que se apresentam hoje em constantes disputas.

Quanto às narrativas obtidas temos tido a consciência de que narrar é contar uma história que pode ser real ou imaginária ou ambas as coisas ao mesmo tempo. Nas narrativas, os narradores relacionam atores sociais, informam as relações que se deram em tempos e espaços vividos no passado. Ela está ancorada na memória e quando analisadas pelo pesquisador, fornecem a reconstrução de processos sociais.

O historiador inglês Thompson, um dos pioneiros na utilização da história oral afirma que a história oral como método possibilita a construção de uma memória mais democrática do passado. Ao discorrer sobre a finalidade social da história e criticar a postura dos acadêmicos que, a despeito das mudanças no campo da história, continuam fazendo pesquisa factual sobre problemas remotos, o historiador afirma que

O historiador de política da classe operária pode justapor as afirmações do governo ou dos dirigentes do sindicato e a voz das pessoas do povo – sejam elas apáticas ou militantes. Não há dúvida alguma de que isso deve contribuir para uma reconstrução mais realista do passado. A realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes, permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista. (THOMPSON, 2002:25)

Tem sido através da metodologia da história oral que melhor temos percebido a emergência de tantas memórias, por vezes divergentes, sobre um mesmo fato ou processo político relacionados à organização MR8. A história oral, pela sua capacidade de oferecer ao pesquisador um material que contém perspectivas divergentes e interpretações diversas, nos fornece possibilidades de compreensão das relações e dos processos sociais vivenciados pelos atores políticos que relatam suas memórias. O conteúdo das entrevistas, mesmo num primeiro momento, tendo se apresentado de forma aparentemente fragmentada e sem cronologia, à medida que vem sendo analisado tem me oferecido certa noção de totalidade integrada.

As disputas de memórias têm possibilitado, inclusive, a construção de conhecimentos relativos ao contexto político dos anos 1980, às lutas presentes no campo e ao conjunto capitais políticos ou simbólicos e de poder objetos de disputas. E

temos verificado a permanência das disputas passadas, nas construções do presente. As memórias carregadas das experiências vividas apresentam uma grande relação com as disputas presentes, ainda hoje, no campo das esquerdas da política atual.

É neste aspecto que temos observado a intrínseca relação entre a memória e a identidade. A identidade coletiva do Movimento Revolucionário Oito de Outubro vai tomando forma a partir das narrativas dos que rememoram. Embora encontrando memórias divergentes, com versões, por vezes antagônicas sobre um mesmo fato, percebe-se que um todo vai tomando forma. Um todo que não se fixa ou se apresenta com fronteiras rígidas.

O objetivo principal da pesquisa científica sobre o Movimento Revolucionário Oito de Outubro tem sido atingido a despeito do fato de que não se tenha, até aqui, encontrado esse todo coerente e estável para identificar a organização política. Estando ciente de que a identidade de uma organização como o MR8 se produz simultaneamente em muitas experiências diferentes vividas por diferentes agentes e, que esses diferentes agentes tiveram formas de atuação e relações com o Movimento Revolucionário Oito de Outubro de forma diferenciada não se há de esperar encontrar em nossas pesquisas uma identidade fixa para a organização política.

A identidade, nos dias atuais, mais do que em outro qualquer momento histórico, vive um processo de dispersão. Não é possível buscarmos uma unidade inexorável em uma formação identitária como a organização ou partido político MR8. Sobre essa questão, nos alerta o antropólogo George Marcus, em um artigo no qual analisa os dilemas do etnógrafo diante das identidades coletivas e individuais que são negociadas no seu campo de pesquisa. O autor afirma que o pesquisador deve captar a formação da identidade “em momentos da biografia de uma pessoa ou da história de um grupo de pessoas” (MARCUS, 1991: 203). Isto porque, afirma o autor, é dessa forma que o pesquisador terá a oportunidade de perceber que não se pode atribuir sentidos unívocos ou enxergar fronteiras rígidas para a distinção de grupos sociais ou atribuir-lhes identidades fixas.

O etnógrafo chama ainda atenção para a necessidade de problematização do tempo para que se rompa com a pretensão a uma história realista. Para Marcus “a memória coletiva e individual, nos múltiplos sinais e expressões, é tomada de fato como prova do autoreconhecimento da identidade” (MARCUS, 1991: 204).

Para o autor “as representações coletivas são, portanto, filtradas de modo mais eficaz através das representações pessoais (*entre elas a memória*)³. Marcus segue afirmando que ao compreender isto, a etnografia estabelece uma ruptura com uma preocupação convencional realista com a história, uma vez que passa a melhor avaliar as experiências históricas carregadas de memória.

Para finalizar esse pequeno conjunto de reflexões teórico/metodológicas, nos valeremos ainda do artigo de Marcus quando este alude à obra de Marshall Berman, *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*, que apresenta críticas ao sonho desesperado com algo sólido para se apegar numa modernidade que não comporta tal pretensão. Se a identidade do objeto de pesquisa do cientista social “se desmancha no ar” o modelo teórico e principalmente as posturas metodológicas do pesquisador não podem permanecer sólidas. No caso da busca de memórias relativas às atuações do Movimento Revolucionário Oito de Outubro, as experiências relatadas obtidas através da história oral, o conteúdo do discurso apresentado nos documentos pesquisados e a posturas metodológicas da pesquisadora autora dessas reflexões têm sido colocados analiticamente em permanente diálogo.

No entanto, claro está que as relações que tivemos com o meu objeto de pesquisa, mesmo tendo essas relações acontecidas antes de o MR8 assumir essa condição deve, uma considerável parte delas, ser valorizada como uma verdadeira observação participante que se somará às minhas experiências de campo. A identificação com os valores e aspirações da organização e a análise das situações, nas quais estivemos integrada como sujeito, estão sendo aproveitadas como uma nova categoria. Categoria que foi sintetizada, pela antropóloga Eunice R. Durham, com a expressão “participação observante”⁴. A autora pretendeu com a expressão caricaturar,

³ O destaque entre parênteses é nosso. Necessário entender-se a memória como a representação no presente da realidade vivida.

⁴ Ver texto “A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas” de Eunice R. Durham no livro *A aventura antropológica – teoria e pesquisa* organizado por Ruth C.L. Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. Nele a autora, além de elencar os novos campos de interesse da pesquisa antropológica, realiza uma reflexão crítica sobre o conjunto da produção antropológica recente no Brasil. Afirma que nos trabalhos de análise dos movimentos sociais ou situações, nas quais, o pesquisador está integrado como sujeito, a questão da identificação subjetiva do pesquisador com o objeto pesquisado, numa formulação que classifica como caricatural, “pode-se dizer que passa da observação participante para a participação observante e resvalando para a militância”. Mas a autora reconhece que essa transformação da natureza do trabalho de campo apresenta aspectos muito positivos. p. 21.

conforme ela mesmo explica, a situação em que o pesquisador atua como militante político no âmbito do objeto pesquisado. Embora, em nosso caso essa participação seja retrospectiva, entendemos que a categoria pode servir para, *grosso modo*, designar as observações realizadas durante a atuação do pesquisador-militante. Há, no entanto, a necessidade de se estar atenta para que, na apresentação dos resultados e nos textos construídos, a partir das análises realizadas, não se resvale para aquilo que poderíamos chamar de uma literatura confessional em detrimento das problematizações surgidas a partir da construção, no presente, das memórias dos atores sociais.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DURHAM, Eunice R. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth C. L. (org.). *A Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978a.

_____. *Maquiavel, a política e o Estado Moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978b.

MARCUS, George. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade, no final do século XX a nível mundial. In: *Revista de Antropologia*, São Paulo, vol. 34, 1991: 197-221.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.